

SETE ROSTOS





Óleo s/ tela 50 x 60 cm – 1998



A Casa tem Alma, sentimentos. E os sentidos despertos.

Num primeiro olhar observa-nos, enquanto nos abre a porta. Cedo, porém, o olhar se torna cúmplice, sem reservas, num sorriso franco que lhe vem do que vai partilhando.

Há dias em que a Casa se veste de todas as cores e gosta de se rever no olhar de quem nela descobre a luz e a sombra. Nesses dias, a Casa cresce, porque tem dentro de si o mundo inteiro. Nesses dias, os sentidos estão em festa! Porém, há dias cinzentos, húmidos de chuva, dias que não fazem sentido.

A Casa deixa ouvir os seus sons: o som inaudível da muralha, o som imenso do sol, e também a alegria das vitórias e a mansidão das histórias contadas à lareira. O som da mesa de toalha branca, logo pela manhã, e o som da lembrança de um momento fantástico, no calor da noite. O som das lágrimas e o desalento dos profundos suspiros, a tristeza das derrotas e a revolta dos que se julgam perdidos.

A Casa tem cheiro, ou não. Cheira a pão generoso, a leite espumoso, a azeite cor de oiro, a louro, a hortelã, a canela, a especiarias refinadas, a chocolate quente, a mel espesso e escuro. Em cada canto se confundem os cheiros, porque a Casa é a Casa de todos os perfumes que nos entram no coração, nos aquecem a alma e nos alimentam. A Casa tem o cheiro de todos os que trazem consigo o cheiro da Vida.

Os sabores confundem-se na Casa. Sucedem-se as múltiplas viagens através da mesa farta do sabor das palavras que evocam outras paragens, e das portas que se abrem para outros lugares.

A Casa prova o que lhe vem dos quatro cantos da Terra e apura o paladar, porque todos os dias há sabores desconhecidos que se cruzam em iguarias fantásticas. Muitas vezes não há que provar e apenas a imaginação pode servir de consolo.

A Casa abraça-nos, timidamente, primeiro, depois com força, porque também nós somos um pedaço dela. A Casa agarra-nos, prende-nos, encanta-nos. No seu regaço sentimos que sempre nos há-de acolher.

Na sua pele luminosa há marcas de séculos e séculos de vidas que podemos quase alcançar. De repente, conseguimos avistar a Atlântida, envolta em azuis, estendendo os braços até conseguir, mansamente, tocar-nos. Para além dos nossos passos, há outros passos em direcção aos quais a Casa nos conduz.

Na Casa acorda-se e adormece-se em desfasamento constante, porque cada um tem o seu tempo próprio e exercita os seus cinco sentidos entre uma coisa e outra.

São sete momentos, sete faces, de manhã à noite. Sete rostos nos quais se espelha o sentir e o viver sob um telhado que tanto pode resistir a qualquer intempérie, como ter já deixado que lhe voassem as telhas.

Dentro da Casa cresce a memória que ela guarda e preserva.

Na Casa vive-se como se lavra a terra: arado, enxada, semente, e muita dedicação. Sem agricultura, não há cultura e o que é a cultura senão o resultado da Vida que o adubo, em doses certas, fez crescer?

A Casa sente, porque vê, ouve, cheira, saboreia e tem pele. A Casa é intemporal, porque nela viveu uma moira encantada que, um dia, lhe deu um elixir a provar. A Casa acorda e adormece na certeza de que é Vida. Vida perene, breve ou precária, mas Vida com Alma.

A Casa tem um nome. A Casa é o Mundo.

P.S. Entre “Trecho” e “Pátria Minha”, de Vinícius, à luz dos meus olhos há sete rostos...